

A invenção dos trópicos: clima e dominação à luz do Orientalismo de Edward Said

Luis Fernando Tosta Barbato

Doutorando em História

Universidade Estadual de Campinas, Bolsista da FAPESP

lfbarbato@gmail.com

RESUMO: Edward Said, em seu livro *Orientalismo*, traz o Oriente como uma invenção do Ocidente, um território criado pela Europa para ser seu concorrente cultural, marcado pelo exotismo, pela homogeneização e pela inferioridade, o que justificaria as práticas imperialistas que as potências europeias impuseram sobre aquela região. O que buscamos neste artigo é trazer a teoria de Said para os Trópicos, mostrando que, assim como o chamado Oriente, as regiões tropicais foram também forjadas pela Europa como seu concorrente geográfico, marcado por uma natureza e por populações distintas e inferiorizadas, o que justificava, tal como ocorreu com o Oriente, juízos de valor e práticas imperialistas. Para corroborar essa ideia, traremos a América de clima tropical e a América de clima temperado analisadas de maneira comparativa, ressaltando que a primeira, de clima distinto do clima europeu era vista como lugar de atraso e dominação, enquanto a segunda era vista como lugar de progresso e de civilização.

PALAVRAS-CHAVE: Clima, Natureza, História Cultural.

ABSTRACT: Edward Said in his book *Orientalism*, brings the Orient as an invention of the West, a territory created by Europe to be its cultural contestant, marked by exoticism, the homogenization and the inferiority, which would justify imperialist practices that European powers imposed on that region. What we seek in this article is to bring the theory of Said for the Tropics, showing that, like the Orient, the tropical regions were also forged by Europe as its geographic contestant, marked by a nature and distinct and inferior people, which justified, as happened with the East, judgments and imperialist practices. To support this idea, we will bring a America of tropical climate and a America of temperate climate, analyzed in a comparative way, emphasizing that the first, distinct of the European climate, was seen as a place of backwardness and domination, while the second was seen as a place of progress and civilization.

KEYWORDS: Climate, Nature, Cultural History.

Desde a primeira página de seu *Orientalismo*⁴¹⁴, Said já deixa clara a ideia de que “o Oriente era quase uma invenção europeia, e fora desde a Antiguidade um lugar de romance, seres

⁴¹⁴ Said nos apresenta três definições do Orientalismo, sendo a primeira delas acadêmica, na qual engloba todos aqueles, sejam historiadores, antropólogos, linguistas, sociólogos, e etc., que trabalham com temas relativos ao Oriente. A segunda definição apresenta-se em uma distinção ontológica e epistemológica entre Ocidente e Oriente, definição abraçada por uma série de romancistas, filósofos, teóricos políticos, economistas e etc... que aceitaram a distinção básica entre Ocidente e Oriente. Já o terceiro sentido se apresenta como a instituição negociada para organizar com o Oriente, fazendo declarações a seu respeito, autorizando opiniões sobre ele, descrevendo-o, colonizando-o, governando-o, ou seja, nesse terceiro viés, o orientalismo assume-se como um estilo ocidental para dominar, reestruturar e ter autoridade sobre o Oriente. Cf. SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990. p. 14-15.

exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de expressões notáveis⁴¹⁵. Desta maneira, Said enxerga o Oriente, tal como o percebemos, como o fruto de uma empresa essencialmente franco-britânica – não que portugueses, russos, espanhóis, italianos, alemães e suíços não tenham dela participado⁴¹⁶ - na qual se forjou uma longa tradição a respeito de tudo aquilo que deveria ser chamado genericamente de “Oriente”, baseado num lugar especial que todo aquele amplo espaço geográfico deveria ocupar dentro do imaginário europeu⁴¹⁷.

O Ocidente – leia-se Europa ocidental – enxerga e concebe então tudo aquilo existente nas terras do leste como “Oriental”, e a partir das diferenças, forja esse Oriente como um concorrente cultural, ajudando a definir a Europa (ou, o Ocidente), como sua imagem, ideia, experiência e personalidade contrastantes, como nos diz Said, tanto que um dos objetivos do livro é mostrar que a cultura europeia ganhou força e identidade comparando-se com o esse Oriente, colocando-se perante a ele como uma identidade substituta, na qual ele fazia o papel do distinto, do subterrâneo, do clandestino⁴¹⁸.

Tal ideia de Said é bastante interessante àqueles que se dedicam aos estudos culturais, principalmente se o ponto de análise se calcar nas relações Europa e o que convencionou-se chamar de Terceiro Mundo, pois nos permite observar que essa relação desigual entre Ocidente e Oriente, entre um força que classifica, demonstra e domina algo menos potente, se estende muito além dessa relação Oeste-Leste, e pode ser estendida a outros elementos, que seguem uma ótica bastante semelhante à essa “orientalista”.

Da mesma maneira que sobre o dito Oriente voltaram-se escritos que o descrevem e o classificam, a fim de firmar discursos marcados por ideias retóricas e estereótipos, que reafirmam, de maneira “ensurdecidamente repetitiva” a necessidade de se levar a civilização europeia a esses povos, deixando assim ainda mais pesado o fardo do homem branco⁴¹⁹, sobre os trópicos também se forjaram concepções semelhantes, que o colocavam como o exato oposto do ideal clima temperado da Europa (que na teoria de Said, se confunde com o chamado Ocidente).

Desta maneira, os trópicos surgem no imaginário europeu como aquilo que a Europa das altas latitudes não é, ou não tem: a exuberância, o perigo, a inspiração, a preguiça, a fartura, a

⁴¹⁵ SAID, Edward W. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, p. 13.

⁴¹⁶ _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*, p. 13-16.

⁴¹⁷ Vale ressaltar desde já que Said não crê no Oriente como uma mera invenção do Ocidente, mas sim que sobre esse espaço geográfico foi forjado um discurso - inserido dentro da ótica de investimentos coloniais – a fim de garantir uma hegemonia europeia capaz de justificar sistemas de poder e dominação, como veremos mais a frente. No entanto, vale ressaltar que Said não nega a existência do Oriente, apenas analisa sua “versão” criada a partir dos discursos europeus, dentro da experiência ocidental europeia.

⁴¹⁸ Não que essa distinção fosse fruto de uma mera percepção da diferença, sem que interesses de dominação estivessem envolvidos, como veremos mais a frente.

⁴¹⁹ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. p. 11-18.

doença. E como nos salientou Wilma Peres Costa, a persistência da necessidade de olhar para a realidade interna através do olhar europeu talvez seja mais uma das peculiaridades das nações do Novo Mundo, o que impele que dentro de um jogo de espelhos deformantes, nos quais os brasileiros viam seu próprio país pelo olhar do outro – europeu como um todo, mas e em especial francês -, um mal-estar se fazia crescente.

Afinal, apresentava-se uma relação assimétrica⁴²⁰ entre o Brasil, marcado pelo seu clima tropical, antagônico ao clima temperado, e a Europa, com a marca do desequilíbrio de uma cultura percebida como central e prestigiosa, em expansão e que se pensava universal, frente a uma cultura em gestão e dependente⁴²¹, o que ressalta mais uma vez o caráter “orientalista” da relação Europa temperada-trópicos, que está imersa no mesmo sistema de injustiças que pauta as relações Oriente-Occidente⁴²².

Para mostrar essa ótica de descrição, que remete a uma inferioridade, e que justifica a dominação, vamos começar pela distinção entre os discursos europeus a respeito da América, e como eles foram apropriados de maneira a alicerçar uma identidade nacional, tomando como exemplo as diferenças de tratamento entre a zona temperada e a zona tropical do continente, de modo a justificar essas nossas aproximações entre os trópicos e o Oriente, uma vez que ambos assumem papéis identitários inferiores e opostos, e logo justificam projetos de dominação por parte de uma cultura hegemônica⁴²³. Isso porque, os tratamentos e representações acerca de uma América do Norte, de inclemente clima temperado, próximo ao padrão europeu, e por isso, forte e próximo à civilização, se distinguíam das visões e imagens da América tropical, em tudo distinta do modelo europeu, e por isso inferior por sua própria tropicalidade.

Desta maneira, podemos dizer que nos Estados Unidos o processo de valorização de sua natureza havia começado desde o pós-independência, quando defensores do mundo natural norte-americano se opunham a Buffon e De Pauw⁴²⁴ e empenhavam-se na tarefa de provar que a

⁴²⁰ Essa relação assimétrica, marcada pela visão de uma cultura presumidamente superior em relação uma ainda em gestação, calcada ainda na natureza, e não na história, fica evidente no trecho a seguir, de autoria Abel Bonnard: “[os brasileiros] mostram-nos os tesouros de seu solo e pedem-nos os da nossa cultura. Isso lembra a fraqueza e a ingenuidade das antigas trocas: eles nos oferecem borboletas e nos pedem ideias”. Cf. BONNARD, Abel. *Ocean et Brésil*. Apud. CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas: Intercâmbios culturais entre França e Brasil*. Campinas, SP: Papyrus, 1994. p. 17.

⁴²¹ CARELLI, Mario. *Culturas Cruzadas*, p. 59-60.

⁴²² SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*, p. 23.

⁴²³ _____. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*. p.19.

⁴²⁴ Conhecidos por valerem-se de teorias que detratavam a natureza do Novo Mundo, trazendo-a como pouco pouca ativa, em comparação à natureza Europeia (como é o caso de Buffon), ou mesmo que elas conduziam seus viventes (o que incluía os seres-humanos) a um processo de degeneração (como é o caso de De Pauw). Cf. GERBI, Antonello. *O Novo Mundo – História de uma polêmica 1750 -1900*. São Paulo: Cia das Letras, 1996.

natureza de seu país era, em muitos aspectos, superior à do Velho Mundo⁴²⁵. Processo muito distinto daquele que se deu no Brasil, por exemplo, no qual provar que nossa natureza, apesar de bela e próspera, era superior às paragens europeias era algo bastante complicado, pois há séculos se propagava sua ideia de inferioridade.

Maria Ligia Prado nos traz a noção da existência entre os norte-americanos de uma suposta missão civilizadora, que teriam eles recebido da Divina Providência, o que incluía uma vocação inata para a conquista territorial, como que um Destino Manifesto. Segundo a autora, “desenhava-se a ideia de um povo eleito por Deus, uma espécie de Israel moderna, que alcançaria as alturas predestinadas graças aos esforços e habilidades de seus extraordinários habitantes”⁴²⁶.

Com a natureza, não era diferente, afinal, ela também havia sido escolhida por Deus, as *wilderness*⁴²⁷ norte-americanas, jovens e puras, se apresentavam como um contraponto ao velho e desgastado continente europeu. Seria essa natureza o palco do nascimento de uma nova história, pronta para romper com o passado e se conectar com o futuro⁴²⁸. Era a mesma natureza das altas latitudes, que guardadas as distâncias e diferenças continentais, continuava, na sua dureza, a forjar homens fortes e rijos, capazes de conduzir um processo civilizatório.

Esse movimento de valorização da natureza norte-americana, que foi incentivado por uma gama de poetas, pintores e escritores, como mostra Maria Stella Bresciani, foi acompanhado de uma clara distinção entre a América do Norte, de clima temperado, e o restante do território americano, situado nos limites tropicais⁴²⁹, o que reforça a nossa teoria de distinção entre um aclamado clima do progresso (o clima temperado, da Europa), que deveria dominar, e um clima do atraso (o clima tropical, de uma vasta área colonial), que deveria ser dominado e civilizado.

Nesse ponto, a obra de Tocqueville nos comprova isso, e também nos mostra que as ideias hipocráticas, que pregavam uma suposta superioridade daqueles que habitavam as zonas

⁴²⁵ PRADO, Maria Ligia Coelho. *América Latina no Século XIX: Tramas, Telas e Textos*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999, p. 186.

⁴²⁶ _____. *América Latina no Século XIX*, p. 186.

⁴²⁷ Não há uma tradução exata do termo *wilderness* para o português, segundo Maria Ligia Prado, sertão, floresta primitiva, selva, seriam traduções compatíveis. Mary Anne Junqueira nos revela que “na sua forma mais antiga (...) *wilderness* estava relacionado com florestas, lugares habitados por bestas selvagens ou homens selvagens: *wildman*. Ao mesmo tempo, significava que o homem era tomado pelo estranhamento, sentindo-se desorientado nessas florestas. Cf. JUNQUEIRA, Mary Anne. *Ao Sul do Rio Grande. Imaginando a América Latina em Seleções: Oeste, Wilderness e Fronteira (1942-1970)*. Tese (doutorado) – Universidade de São Paulo, Departamento de História, 1998. p. 54.

⁴²⁸ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade: Oliveira Vianna entre Intérpretes do Brasil*. São Paulo: Editora UNESP, 2007, p. 64.

⁴²⁹ _____. *O Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade*, p. 66.

temperadas, tidas como mais desafiadoras à empresa humana que as tropicais, e por isso benéficas para seu desenvolvimento físico e mental, ainda continuavam vivas no século XIX⁴³⁰:

Quando os europeus desembarcaram nas praias das Antilhas e mais tarde, nas costas da América do Sul, julgaram-se transportados para regiões fabulosas que os poetas haviam celebrado. O mar brilhava com os fogos do trópico; a extraordinária transparência das suas águas descobria pela primeira vez os olhos do navegador a profundidade dos abismos. Aqui e ali surgiam pequenas ilhas perfumadas, que pareciam flutuar como corbelhas de flores na superfície tranqüila do oceano. Tudo o que se oferecia à vista, naqueles lugares encantados, parecia preparado para as necessidades do homem, ou calculado para os seus prazeres(...)⁴³¹.

À primeira vista, o relato de Tocqueville nos mostra mais um europeu que ficou estarrecido com as belezas naturais das zonas tropicais, no entanto, a continuação do trecho nos mostra que a opinião de Tocqueville sobre os trópicos não eram nada positivas:

Sob aquele manto esplendente, achava-se escondida a morte; ninguém a percebia, então, todavia, e reinava no ar daqueles climas não sei que influencia debilitante, que ligava o homem ao presente e lhe tirava as preocupações com o futuro (...). A América do Norte apareceu sob outro aspecto: ali, tudo era grave, sério, solene; dissera-se que fora criada para se tornar uma província de inteligência, enquanto a outra [a tropical] era a morada dos sentidos. Um oceano turbulento e brumoso banhava as suas praias; rochedos graníticos ou bancos de areia serviam-lhe de cinta; as matas que cobriam as suas margens exibiam uma folhagem sombria e melancólica; via-se crescer ali quase que só o pinheiro, a conífera, o carvalho verde, a oliveira selvagem e o loureiro (...). Nesse ambiente também a “morte golpeava”, mas de certa maneira, a “morte vinha em socorro da vida”. Uma e outra faziam-se presentes e pareciam desejar confundir e misturar suas obras⁴³².

Segundo Bresciani, ancorado em pressupostos mesológicos, mas também recorrendo às concepções do *belo*, do *sublime* e do *pitoresco*, Tocqueville estabeleceu um confronto entre a difícil natureza da América do Norte, apropriada para formar homens fortes, e a natureza paradisíaca dos mares do Sul, cuja beleza idílica poderia guardar a morte, em uma relação dissimulada pelos próprios benesses tropicais⁴³³.

Continua Bresciani, afirmando que nas palavras de Tocqueville, a natureza obriga os homens a um destino quase inescapável, e fugir a ele exigia astúcia e persistência, sabendo intervir no momento mais propício. Desta maneira, a morte também se fazia mais presente nas terras

⁴³⁰ Vale frisar que nos anos de 1850, Thomas Buckle editava sua *History of Civilization in England*, no qual mantinha a ideia de uma supremacia europeia e debilidade asiática, causadas pelas condições ambientais - principalmente climáticas - de ambos os continentes. Era um claro exemplo de que as teorias hipocráticas ainda estavam em voga no pensamento europeu. Cf. ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa*. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 2000, p. 30.

⁴³¹ TOCQUEVILLE, Alexis de. *A Democracia na América*. São Paulo: EDUSP, 1987, p. 25.

⁴³² _____. *A Democracia na América*, p. 25-26.

⁴³³ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade*, p. 66.

setentrionais “e ali golpeava sem descanso”, não se tratava, porém de presença velada e traiçoeira, como ocorria no caso dos trópicos, mas sim de um desafio aberto⁴³⁴.

Assim, podemos notar que havia no século XIX uma rede de tensões que trazia os trópicos ora vistos como motivo de orgulho – afinal, era lugar de beleza e prazer, mesmo que isso pudesse acarretar em consequências nefastas para a civilização⁴³⁵ -, ora vistos como motivo de preocupação, em um movimento que dividia claramente o globo em uma zona temperada, lugar do trabalho e do progresso, e outra negativa, lugar do deleite e do atraso, o que presumia de estratégias que fossem capazes de contornar tais sentenças nada alentadoras.

Isso porque, as regiões tropicais, das quais o Brasil era importante representante, eram sempre descritas como terras marcadas por uma beleza incomensurável, onde a vida fluía fácil, uma vez que sua fartura proporcionava uma vida sem sofrimentos aos seus habitantes, se comparados aos que viviam nas regiões temperadas, que sofriam com as bruscas mudanças de temperatura, e com os invernos inclementes. O trecho a seguir, de Sebastião da Rocha Pita, ressalta esse caráter edênico da natureza tropical brasileira:

Em nenhuma outra Região se mostra o Ceu mais sereno, nem madrugada mais bella a Aurora: o Sol em nenhum outro Hemisferio tem os rayos tão dourados, nem os reflexos nocturnos tão brilhantes: as Estrellas são as mais benignas, e se mostrarão sempre alegres: os horisontes, ou nasça o Sol, ou se sepulte, estão sempre claros: as aguas ou se tomem nas fontes pelos campos, ou dentro das povoações no aqueductos, são as mais puras: é enfim o Brasil Terreal Paraíso descoberto, onde têm nascimento e curso os mayores rios: domina salutarifero clima; influem benignos Astros e respirão auras suavissimas, que o fazem fértil, e povoado de innumeráveis habitadores, posto que por ficar debaixo da Torrida Zona, o desacreditassem, e dessem por inabitavel Aristoteles, Plinio e Cicero(...)⁴³⁶.

Nesse mesmo sentido, outro que deixa claro em seus relatos que o Brasil tropical era um lugar de belezas e deleites, que enchiam os olhos daqueles que o visitavam é o viajante francês Jean de Léry, que visitou o Brasil ainda nos primórdios de seu tempo colonial:

Por isso, quando a imagem desse novo mundo, que Deus me permitiu ver, se apresenta aos meus olhos, quando revejo assim a bondade do ar, a abundância de animais, a variedade de aves, a formosura das árvores e das plantas, a excelência das frutas e em geral, as riquezas que embelezam essa terra o Brasil, logo me acode a exaltação do profeta no salmo 104:

*Ó seigneur Dieu, que tes oeuvres divers
Sont merveilleux par Le monde univers:
Ó que tu as tout fait par grande sagesse!*

⁴³⁴ BRESCIANI, Maria Stella Martins. *Charme da Ciência e a Sedução da Objetividade*, p. 67.

⁴³⁵ Para maiores esclarecimentos sobre esse ponto Cf. BARBATO, Luis Fernando Tosta. *Brasil, um país tropical: o clima na construção da identidade nacional brasileira*. Campinas, SP: [s. n.], 2011.

⁴³⁶ PITA, Sebastião da Rocha. *História da América Portuguesa*. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1950, p. 23.

*Bref, La terre est pleine de ta largesse*⁴³⁷.

Os exemplos que trazem essa vertente edênica da natureza tropical brasileira são inúmeros, e ressaltam que essa visão positiva – pelo menos em uma primeira análise – dos trópicos era constante. No entanto, toda essa natureza generosa e bela se projetava nos seus habitantes, gerando povos fracos por sua indolência, imprevidência e lascívia exacerbadas, o que gerava esse descompasso civilizacional entre a Europa e os Trópicos. Havia claramente duas zonas climáticas distintas, uma temperada, europeia, feia e dura, mas que produzia a civilização, e outra, tropical, linda e generosa, mas que gerava o atraso e a barbárie, portanto, inferior ao seu concorrente. O trecho a seguir, publicado na Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro – o IHGB –, ressalta essa relação entre as amenidades dos trópicos, e a fraqueza de suas gentes, sendo o clima tropical responsável por mazelas civilizacionais como a indolência e a imprevidência:

O índio era indolente e preguiçoso, porque a natureza, como mãe pouco providente que á força de extremos e caricias mal educa os seus filhos, tinha sido excessivamente prodiga para com elles. Carecia de pouco para viver, e esse pouco, a benignidade do clima, a fertilidade do terreno, lhes asseguravam em todos os tempos e em todos os lugares: tinham abundancia de caça, de pesca, de diferentes fructos segundo as quadras do anno, de modo que, fazendo plantações, não carecia reservar colheita para alguma occurrencia imprevista. Que lhes importava o futuro? Viveriam seus filhos como elles⁴³⁸.

Ou ainda:

O sertanejo não precisa trabalhar mais que uma semana no seu mandiocal para ter seguro o pão de um anno inteiro, seus campos e rios lhe ofertam o conducto, isto só lhe basta, de nada mais necessita; e eis aqui toda a agricultura d’este paiz foi reduzida a uma pequena plantação de mandioca para cada morador⁴³⁹.

Assim, o clima tropical criava uma situação que permitia à Europa, no seu posto de modelo e padrão civilizacional, homogeneizar, classificar e intervir nessas terras de baixas

⁴³⁷ “Senhor Deus, como tuas obras diversas são maravilhosas em todo o universo! Como tudo fizeste com grande sabedoria! Em suma, a terra está cheia de tua magnificência.” Cf. LÉRY, Jean de. *Viagem à terra do Brasil*. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1980. p. 181.

⁴³⁸ DIAS, A. Gonçalves. Brasil e Oceania. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXX. Rio de Janeiro: B.L.Garnier-Livreiro-editor, 1867. p. 140. É importante que ressaltemos aqui que Gonçalves Dias não negava uma suposta indolência do indígena motivada pelo meio em que vivia, como observamos, no entanto, segundo esse romântico indigenista, tal preguiça não era absoluta, mas podia ser relativizada, sendo que ela era ativo em outros meios que lhe convinham, como a guerra e a caça.

⁴³⁹ CONSIDERAÇÕES sobre as duas classes mais importantes de povoadores da capitania de Minas Geraes, como são as de mineiros e agricultores, e a maneira de as animar. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*. Tomo XXV. Rio de Janeiro: Typ. de D. Luiz dos Santos, 1862. p. 433; Podemos ainda, nesse sentido, citar o seguinte trecho: “É habitada [a vila de Moira, no norte do Brasil] de muitos moradores brancos e Indios; porém assim aquelles como estes se entregam á ociosidade de tal maneira, que se não póde verdadeiramente reconhecer qual é o genero de commercio ou de agricultura que exportam”. Cf. DIÁRIO da viagem que fez á colonia hollandeza de Surinan o Porta Bandeira da Sétima Companhia do Regimento da cidade do (ilegível), pelos sertões e rios d’este Estado em diligência do Real serviço. *Revista Trimensal de Historia e Geographia ou Jornal do Instituto Historico e Geographico Brasileiro*. Rio de Janeiro: Typographia Universal de Laemmert, 1846. p. 13.

latitudes, uma vez que eram inferiores, tal como ocorreu, guardadas certas diferenças, em relação ao Oriente. Isso porque, como podemos observar, gerava povos carentes de impulso civilizacional, e dependentes, portanto, da civilização que desembarcava junto com os navios europeus.

É importante ainda citar que principalmente a partir da segunda metade do século XIX, ou se mescla ou se confunde um outro elemento que também participou do processo de distinção e detração dos trópicos por potências europeias: a raça.

Segundo Arnold, os motivos para a ascensão dessa nova maneira de classificação dos homens seriam: 1) O problema da escravidão e da abolição promoveu intensos debates sobre a questão racial em ambos os lados do Atlântico, no que concernia sobre a questão de os africanos pertencerem ou não a uma subespécie humana distinta, presumidamente inferior. 2) A crescente ascensão militar e econômica da Europa se tornava como um sinal de que os europeus eram uma raça superior, principalmente quando sua chegada a muitas partes do mundo foi seguida pelo decréscimo populacional, ou mesmo extinção dos povos nativos conquistados. 3) Os séculos XVIII e XIX assistiram a um rápido crescimento dos estudos das ciências biológicas, o que fomentou o debate acerca das diferenças entre os seres-humanos.⁴⁴⁰

Além da combinação desses fatores, não podemos nos esquecer da publicação de *A Origem das Espécies*, em 1859, por Charles Darwin. Com sua luta entre as espécies e a “sobrevivência do mais apto”, parecia que Darwin havia quebrado a ideia de natureza como algo fixo e harmonioso concebido por Deus. Logo essas ideias evolutivas passaram a ser usadas também na análise das sociedades humanas, e serviram de apoio para concepções de que as diferentes raças representavam estados diferentes do processo evolutivo, e que as diferentes condições ambientais haviam sido fator significativo de diversificação⁴⁴¹.

Nesse contexto, os discursos pregavam que as civilizações não eram espécies imutáveis, mas sim evoluíam e caíam em resposta a certas condições ambientais, batalhavam com seus concorrentes pela supremacia no ambiente e sobrevivência. E as civilizações que nunca enfrentaram reveses, porque nunca precisaram se preocupar e se programar para o futuro, uma vez que os generosos trópicos tudo lhes ofereciam sem esforço, e que por isso eram fracos, se viam distante de povos fortes, oriundos dos impiedosos climas temperados. Nesse contexto, aos fracos, cabia a sujeição, uma vez que séculos de diferenças climáticas haviam levado a esse desfecho.

⁴⁴⁰ ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico: El medio, la cultura y la expansión de Europa*, p. 30.

⁴⁴¹ _____. *La Naturaleza como Problema Histórico*, p. 31.

Podemos encontrar um exemplo do uso dessa teoria nos dizeres do naturalista Alfred Russel Wallace, que em 1864, acreditava que na luta pela vida, as populações menos desenvolvidas mentalmente seriam extintas ao entrar em contato com os europeus:

¿No es un hecho que en todas las épocas y en cada rincón del globo, los habitantes de las regiones templadas han sido superiores a los de las regiones tropicales? Todas las grandes invasiones y todos los grandes desplazamientos han sido de norte a sur, pero no al revés; y no tenemos registro de que alguna vez haya existido, como tampoco hoy existe, un solo caso de civilización intertropical.⁴⁴²

Ou ainda no trecho a seguir, do diplomata francês Jules Harmand, escritas no início do século XX, que mostra que a Europa estava fadada a conquistar e a levar sua civilização a povos inferiores:

É necessário, pois, aceitar como princípio e ponto de partida o fato de que existe uma hierarquia de raças e civilizações, e que nós pertencemos à raça e civilização superior, reconhecendo ainda que a superioridade confere direitos, mas, em contrapartida, impõe obrigações estritas. A legitimação básica da conquista de povos nativos é a convicção de nossa superioridade, não simplesmente nossa superioridade mecânica, econômica e militar, mas nossa superioridade moral. Nossa dignidade se baseia nessa qualidade, e ela funda nosso direito de dirigir o resto da humanidade⁴⁴³.

Desta maneira, vemos um quadro no qual o Brasil, com toda a carga de inferioridade que seu clima tropical lhe acarretou, encontrava-se no lado mais fraco da civilização, e portanto, apto a ser dominado pelos fortes vindos do norte. Assim, ainda no século XIX, naturalistas, antropólogos, historiadores e geógrafos, reformularam as ideias da influência do meio ambiente sobre o homem, como vimos, de maneira a satisfazer os imperativos de uma nova era imperial.

Esse novo imperialismo, combinado às ideias de darwinismo racial, evolucionismo, positivismo, naturalismo, entre outras teorias, que segundo Schwarcz⁴⁴⁴, foram popularizadas nessa época justamente para fomentar as práticas imperialistas, empurraram as ideias do papel do meio na conformação do homem em proeminências excepcionais, como diz Arnold, entre os anos 90 do século XIX e o início do século XX⁴⁴⁵.

Tudo isso também pulula e perturba nossos homens de letras e ciências preocupados com os futuros da nação que estavam envoltos nessa rede de saber que condenavam o próprio lugar em que viviam, afinal, estaria o Brasil sentenciado ao fracasso devido ao seu clima tropical e sua população, formada por parcela expressiva de negros, índios e mestiços, povos que, respeitados

⁴⁴² WALLACE, Alfred Russel. *The Origin of Human Races and the Antiquity of Man Deduced from the Theory of 'Natural Selection'* Apud ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico*, p. 32

⁴⁴³ SAID, Edward. *Cultura e Imperialismo*, p. 48.

⁴⁴⁴ SCHWARCZ, Lília Moritz. *O Espetáculo das Raças: cientistas, instituições e questão racial no Brasil (1870-1930)*. São Paulo: Cia. Das Letras, 1993. p. 28.

⁴⁴⁵ ARNOLD, David. *La Naturaleza como Problema Histórico*, p. 34.

os cânones vigentes da ciência oitocentista, estariam fadados a desaparecer perante raças superiores, notadamente europeias? A ver pelo avanço europeu no Brasil, parecia certo dentro desse Brasil oitocentista, embalado pelas teorias que citamos, que os fracos povos nativos tropicais sucumbiriam nessa desmedida luta entre bárbaros e civilizados, como podemos constatar ao analisar o trecho a seguir, publicado na Revista do IHGB:

O nome de Goytacazes, dado a estes campos, lhe advem da tribo principal dos índios que primitivamente os habitavam e que a civilização exterminou pelo mais certo ou obrigou a procurar outro assento. Assento é um modo de dizer, porque, errabundos como eram por natureza os nossos autoctones, misturaram-se seguramente estes com os das demais tribus que encontraram, ao recuarem diante do europeu, e se absorveram nellas, a menos que não se quera accéitar como a da verdade histórica a causa do extermínio da raça aborígine referida pelo chronista da Companhia de Jesus que adeante citarei [trata-se de Joam d'Almeida]⁴⁴⁶.

Essas ambiguidades entre um clima benigno e belo, mas ao mesmo tempo nocivo, mostram as dificuldades sofridas no processo de valorização de uma natureza tropical, aumentadas em relação ao processo pelo qual passou os intelectuais norte-americanos, afinal, essa tensão entre o pertencimento a um clima visto como inapto à civilização, e a vontade de torna-lo evidente e objeto de orgulho nacional não existia para aqueles outros americanos. Os americanos já partilhavam do clima do progresso europeu, não passavam pelos mesmos julgamentos que os tropicais brasileiros passavam, afinal, já faziam parte do grupo do progresso formado pelos povos das altas latitudes.

E nesse ponto, clima e raça convergem para um mesmo ponto, afinal, eram as raças inferiores, menos capazes, justamente aquelas oriundas dos trópicos, que, segundo a tradição europeia, foram forjadas sob o signo da preguiça, do sensualismo e da debilidade moral que os trópicos proporcionavam. Mesmo quando o centro da análise estava calcado na raça, e não no clima, esse último elemento não deixava de atuar, pois, se as consideradas raças inferiores poderiam ser culpadas como responsáveis pelas mazelas do Brasil, os trópicos podiam ser culpados pelas mazelas dessas raças, o que abria espaço para que os fortes europeus interviessem nos fracos brasileiros, respaldados por toda uma gama de estudos que comprovavam essa dissonância de força civilizacional entre os dois povos.

Desta maneira, podemos afirmar que assim como Said havia concebido a distinção entre o Oriente e o Ocidente, o mesmo poderia se aplicar em relação ao Tropical e ao Temperado. Em um paradigma que norteou o pensamento de nossos pensadores oitocentistas, no qual o bem e o mal andariam lado a lado, no qual o progresso era um sonho possível, e o fracasso era uma

⁴⁴⁶ MELLO, José Alexandre Teixeira de. Campos dos Goytacazes. *Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil*. Tomo XLIX. Rio de Janeiro: Typographia, Lithographia e Encadernação a vapor de Laemmert & C., 1886, p. 9.

realidade palpável, no qual os trópicos reais poderiam ser muitos mais feios e tenebrosos que aqueles difundidos pelos primeiros viajantes e colonizadores que aqui estiveram, mas que também poderiam ser muito mais promissores que aqueles trópicos pregados pelos teóricos setecentistas da Ilustração, o Brasil estava fadado a ficar a meio caminho entre o desejo de progresso e a sua inculca realidade tropical.

Se o processo de valorização da natureza por parte dos norte-americanos foi baseado na pureza de suas *willderness*, uma vegetação rica, mas na medida para ser propícia à civilização, no caso brasileiro, tal processo não foi tão simples, justamente por haver aqui um clima tropical, distinto do clima do progresso, ou seja, do clima europeu, o que dificultou em muito a formação de uma suposta identidade tropical para o Brasil, sendo forjada em meio às ambivalências impostas por visões detratórias, vindas de fora, que em meio a um turbilhão de informações, traziam que ora a vida nos trópicos poderia vir para o bem, ora para o mal, como vimos.

Para o bem, porque viver nos trópicos poderia ser algo próximo à vida em um paraíso terreal, de águas mornas, de terras férteis, de pouca roupa, enfim, de vida fácil. Para o mal, porque viver nos trópicos também poderia ser próximo à vida no inferno, com seus mosquitos e serpentes, seus nativos ferozes, suas doenças, e aquela preguiça que fadava o Brasil a não se desenvolver plenamente em suas capacidades civilizatórias.

Assim, podemos observar que mesmo o clima tropical brasileiro desempenhando um papel importante no contexto da construção de uma identidade nacional para o país, isso não ocorreu isento de tensões. Erigir uma nação sob o calor dos trópicos poderia acarretar muitos problemas, afinal, havia toda uma literatura, muito lida e bem avalizada dentro do Brasil, que trazia os trópicos sob um viés negativo. Lugar de preguiça e luxúria exacerbadas, de pestilências e de morte, ou então, de gozo e vida fácil, mas avesso à civilização.

E foi essa tensão entre dois polos antagônicos que se construiu essa identidade tropical brasileira. A ambivalência tropical estava por toda parte, entre aqueles que defendiam e se vangloriavam dessa condição climática característica para um país que buscava um lugar no rol das grandes nações havia temores, e entre aqueles que difamavam essas paragens, também havia admiração.

Conclui-se dessa forma que a identidade tropical brasileira foi construída sob o signo da ambivalência, sob a noção de que poderia sim ser o Brasil um paraíso terreal, mas um paraíso terreal ambíguo, lotado de perigos e carregado de visões nada alentadoras. Enfim, percebemos que as visões sobre os trópicos no XIX, escapam às idealizações, pois eram calcadas em experiências que ora aproximavam-no do paraíso, ora do inferno, ora do bem, ora do mal, ora do

orgulho, ora da vergonha. O Brasil, portanto, comparara a ideia de inferioridade, se colocava como diferente da Europa, temendo que as suas debilidades acarretassem em atrasos que o colocassem em situações subalternas entre as nações. O orientalismo de Said, traduzido agora em calor, preguiça e exuberância natural, se projetava sobre o Brasil, e a Europa abria caminho mais uma vez para ensinar esses povos bárbaros os prazeres e vantagens da civilização, e cobrava seu preço por isso.

Portanto, ser tropical, para aqueles preocupados em construir uma identidade nacional para o Brasil no século XIX, era algo que escapava a tudo de bom, ou ao tudo de ruim, era viver em um lugar aprazível, sujeito a intempéries, ou em um lugar ruim, sujeito a esperanças. Ruim mais pelos ideais que pregavam sua inferioridade, e que causavam temores, e bom tanto pelas suas reais belezas, quanto por serem o clima de sua pátria, e disso não havia como fugir.

Mesmo nos momentos de maior defesa dos trópicos, das maiores demonstrações de apreço a essa condição genuinamente brasileira, os temores dos trópicos apareciam, nas entrelinhas, nos momentos em que se vangloriavam essas terras quentes, mas que se notava um desejo de partilhar das características climáticas europeias, que se mostravam como opções menos arriscadas na marcha civilizacional.

Portanto, a construção de uma identidade nacional calcada no clima tropical, a vontade de mostrar a diferença desse clima e de cantar suas virtudes perante a gélida e pouco vistosa Europa, o desejo de ter trópicos mais próximos das paragens europeias, e os temores das dificuldades de se projetar uma civilização aos moldes europeus nos trópicos, presentes nas entrelinhas dos relatos de grande parte daqueles que escreveram no Brasil dos Oitocentos ressaltam a ideia da distinção entre a zona temperada, fria, de vegetação prosaica, dura, e que testa a todo momento aquele que nela vive e os trópicos, lindos, exuberantes e que bem trata seus filhos, mostrando serem dois mundos antagônicos.

Um europeu, que deve ser o espelho, e outro tropical, que de se espelhar. Said bem que poderia escrever um livro chamado *O Tropicalismo: os Trópicos como invenção da Zona Temperada*, não haveria tanto trabalho, uma vez que se altera somente o lugar geográfico, mas mantêm-se as mesmas estruturas de poder e dominação, do centro para a periferia que dominaram as relações entre o Oriente e a Europa no século XIX. Afinal, já estava criada uma outra entidade distinta, inferior e concorrente, também carente de civilização e necessitada de Europa, ela só mudara de nome, e partilhava de uma vegetação mais exuberante.

Recebido em: 17/12/2013

Aceito em: 11/02/2014